



## EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS: POR UMA SUBJETIVIDADE HETEROTÓPICA

### EDUCATION AND TECHNOLOGY: FOR A SUBJECTIVITY HETEROTOPIC

Daniel Salésio Vandresen<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente texto visa analisar os fundamentos da relação educação e tecnologias a partir de alguns conceitos de Michel Foucault, como: discurso, saber-poder, heterotopia e subjetividade, relacionando-os com o pensamento de Pierre Lévy sobre a Cibercultura e o Virtual. Na era da Cibercultura torna-se indispensável pensar que tipo de subjetividade é construída através das relações nas redes virtuais. Para Foucault o espaço faz parte da constituição de nossa experiência na cultura Ocidental. Em oposição a fixidez do espaço medieval, nossa época constitui-se pelo movimento entre diferentes pontos. Sendo imprescindível resgatar o espaço do outro (heterotopia) em oposição aos espaços homogeneizantes de nossa cultura. Já Lévy descreve nossa época com o conceito de Cibercultura, onde as redes de informação e comunicação tecnológica são ou fazem a própria cultura, isto é, produzem, ao mesmo tempo, inovações tecnológicas e relacionamentos humanos. Portanto, questão essencial aos autores é: em meio aos discursos veiculados nas redes virtuais, como construir um sujeito emancipado em oposição as subjetividades que nos constituem.

**PALAVRAS-CHAVE:** educação; virtual; subjetividade; heterotopia.

**ABSTRACT:** The text aims to analyze the fundamentals of the relationship between education and technologies from concepts of Michel Foucault, as discourse, knowledge-power, heterotopia and subjectivity, linking them with the thought of Pierre Lévy on Cyberculture and Virtual. In the age of cyberculture is indispensable to think what kind of subjectivity is constructed through the relationships in virtual networks. For Foucault space is part of the constitution of our experience in Western culture. As opposed to fixity of medieval space, our time is up by moving between different points. Being indispensable rescue another space (heterotopia) in opposition to the homogenizing spaces of our culture. Already Lévy describes our time with the concept of Cyberculture, where networks of information and communication technology are or do their own culture, that is, produce at the same time, technological innovations and human relationships. Therefore, the authors essential question is: amidst speeches broadcast on virtual networking, how to build a subject as opposed emancipated subjectivities that constitute us.

**KEY WORDS:** education; virtual; subjectivity; heterotopia.

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pela Unioeste - campus de Toledo/PR, área de concentração na Filosofia Moderna e Contemporânea (2008). E-mail: [daniel.vandresen@ifpr.edu.br](mailto:daniel.vandresen@ifpr.edu.br)



## INTRODUÇÃO

Segundo Michel Serres (2000, p. 138) “tudo deve ser repensado em virtude das novas tecnologias”. As inovações tecnológicas têm provocado diversas transformações, daí a necessidade de estar sempre repensando nossas relações, seja na educação, pela superação de uma educação fechada (escola tradicional) através da inserção do computador e da internet no ensino, como também pelas ferramentas da Educação a Distância (EaD), seja nas relações de trabalho, questionando as formas tradicionais de organização institucional e de divisão do trabalho, para conquistar a formação de um indivíduo polivalente, flexível e que busque uma educação permanente. Segundo Ramal (2000, p. 2) um trabalhador que utiliza as tecnologias da informação tem uma produtividade 45 vezes maior que outro trabalhador de 120 anos atrás.

Já para Michel Foucault (2001, p. 411) todas as sociedades delimitaram seus espaços<sup>2</sup>. No entanto, nossa época é por excelência a era dos espaços. Vivemos em espaços heterogêneos, complexos e que se cruzam. Ao mesmo tempo estamos longe e próximos, dispersos e entrecruzados. Nossa experiência do mundo se dá de forma cada vez mais intensa por instrumentos tecnológicos que determinam nossa percepção do homem e do mundo como depende de uma complexa trama que se (re)liga por diferentes pontos.

A rapidez das transformações tecnológicas provocam, ao mesmo tempo, profundas mudanças nas relações humanas. Segundo Beatriz H. D. Molin (2003, p. 135) “[...] a tecnologia é um actante modificador das relações entre os seres humanos e destes com o mundo”. A vida moderna se transforma em ritmo acelerado, isto por causa dos contínuos avanços tecnológicos, que transformam a maneira como as pessoas se relacionam uma com as outras e com o mundo a seu redor. O motor que move a sociedade moderna é a troca e produção de informação.

Neste sentido, o exercício do trabalho em nossa sociedade exige cada vez mais o domínio das tecnologias. Com a mudança de uma sociedade onde predominava a divisão entre os donos da produção e os produtores, para uma sociedade onde prevalece a dicotomia entre os que

---

<sup>2</sup> Foucault entende espaço como relação de posicionamentos. “O posicionamento é definido pelas relações de vizinhança entre pontos ou elementos; formalmente, podem-se descrevê-las como séries, organogramas, grades”. (FOUCAULT, 2001, p. 412).



dominam a informação e os que são excluídos dela, fez como que a informação e a comunicação se tornassem decisivas para todas as profissões. O modelo de trabalho posto requer do indivíduo uma preparação sólida, mas não apenas para o uso destas tecnologias e, sim, para ser criativo, inventivo e ir além do instituído. Assim, refletir sobre a integração entre a educação, o trabalho e as tecnologias, significa fazer com que a educação seja o lugar em que se discute o sentido desta subjetividade exigida.

Pensar a educação, nesta sociedade onde as inovações tecnológicas produzem rápidas transformações no mundo e no próprio homem, exige refletir sobre a formação do sujeito e o seu papel como agente modificador da realidade. Não cabe a educação apenas a função de reproduzir o modelo existente, mas, sim, proporcionar uma crítica modificadora das estruturas excludentes. Deste modo, uma educação transformadora só é possível quando ela oportuniza aos indivíduos uma formação alicerçada nas próprias ferramentas que solidificam esta sociedade, ou seja, nas tecnologias de informação e comunicação.

O ensino técnico que não prioriza em seu conteúdo a relação com a mediação das tecnologias de informação e comunicação não está possibilitando ao sujeito sua emancipação. Educar mediado pelas ferramentas de aprendizagem digital significa dar condições para que o aluno possa situar-se criticamente nesta sociedade da informação.

Superar a dicotomia gerada como consequência da proliferação da comunicação eletrônica, onde está cultura da informação pode gerar, por um lado, produção de uma sociedade homogênea, onde predomina o consumo passivo da informação sem crítica, por outro, promove a consciência crítica como forma de superação de estereótipos (ARANHA, 1996, p. 235).

O desafio da educação hoje é duplo: além de discutir qual a metodologia adequada para incorporar as novas tecnologias ao ensino/aprendizagem, também, precisar promover uma subjetividade autônoma, capaz de leitura crítica das informações produzidas e veiculadas. Duas tarefas inadiáveis, que precisam ser discutidas para construir uma sociedade emancipada.

As portas de entrada ao mundo do ciberespaço, da cibercultura, dos ciberpoemas, da ciberarte, da ciberescola, da cibereducação estão abertas. É preciso, no entanto, que o medo e o ranço do preconceito fiquem de fora e se instaure uma firme vontade política, por parte de todos os envolvidos no



processo educativo, para que se vivencie plenamente esta nova aventura de participar, plenamente, de nosso tempo (MOLIN, 2003, p. 57).

Nisso, a adoção das tecnologias não deve ser visto apenas como sinônimo de modernização, mas precisa ser encarado em sua dimensão política.

O que caracteriza a atual revolução tecnológica é a capacidade humana de utilizar as ferramentas tecnológicas da informação e comunicação como meios para a produção da sociedade. Em relação a produção da subjetividade, observa-se uma dicotomia entre, por um lado, a produção do indivíduo flexível como exigência na formação de um Capital Humano<sup>3</sup> para atender as necessidades econômicas e, por outro lado, flexibilidade do pensamento como princípio na Cibercultura, o que permite a constituição de uma subjetividade capaz de criar novas formas de vivência.

As contínuas transformações nas tecnologias de informação e comunicação permitem aos indivíduos novas maneiras de expressão, isso através das várias formas de linguagem que possibilitam criar espaços de identificação e de interação com o mundo. Com a democratização das informações, o desafio da escola passa a ser a de orientar o indivíduo sobre a forma de internalizar o conhecimento e, sobre tudo, como tornar este saber autônomo e responsável.

O processo de subjetivação por meios das tecnologias de informação e comunicação faz do discurso e da linguagem alvo de produção de sentidos na construção de si e do mundo. Em sintonia com a concepção foucaultiana, concebe-se o discurso como “[...] práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (Foucault, 2005a, p. 55). A partir da análise, considerando o discurso em sua materialidade produtiva, concebe-se a construção discursiva na Cibercultura conforme relações de saber-poder que produzem subjetividade. A constituição do sujeito ocorre no e pelo discurso. Sendo que, cada vez mais reside na linguagem a capacidade de promover rupturas nos tecidos sociais e o papel de recompor novas subjetividades (Guattari, 1988 apud MOLIN, 2003, p. 146).

## HETEROTOPIA E SUBJETIVIDADE

<sup>3</sup> Sobre este assunto serve de referência a análise de Michel Foucault sobre a Biopolítica e de Gilles Deleuze sobre a Sociedade de Controle.



Michel Foucault, no texto *Outros Espaços* (1967) desenvolve o conceito de heterotopia para mostrar que nos movemos pela experiência que fazemos em espaços, sendo que o espaço de construção da diferença (do outro) foi apagado pela cultura ocidental, em prol da constituição do mesmo (do uno). A palavra heterotopia é composta do prefixo *heteros* vem do grego e significa o diferente e está ligada a palavra *alter* (o outro), sendo também associado as noções de “ao lado” e “contra”. Já a palavra *topia* significa lugar, espaço. Então, heterotopia significa o espaço do outro.

Nossa época substituirá extensão pelo posicionamento, onde o espaço será pensado pelo cruzamento entre vários pontos. "Estamos em uma época em que o espaço se oferece a nós sob a forma de relações de posicionamentos". (FOUCAULT, 2001, p. 413). Nós vivemos em espaços diversos, heterogêneos, que podem ser temporários como os cinemas, bares ou praias, também podem ser espaços de descanso como nossa casa, nosso quarto, como também de espaços que nos levam de um lugar ao outro, como as ruas e o transporte. Contudo, diante da heterogeneidade de lugares que constitui nossa época, o que interessa ao autor, é compreender como o espaço em nossa época constitui-se como uma relação de posicionamentos. “O posicionamento é definido pelas relações de vizinhança entre pontos ou elementos; formalmente, podem-se descrevê-las como séries, organogramas, grades”. (FOUCAULT, 2001, p. 412).

Para o autor, nossa experiência do espaço é determinada por essa rede que se (re)liga por diferentes pontos.

A época atual seria talvez de preferência a época do espaço. Estamos na época do simultâneo, estamos na época da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado, do disperso. Estamos em um momento em que o mundo se experimenta, acredito, menos como uma grande via que se desenvolveria através dos tempos do que como uma rede que religa pontos e que entrecruza sua trama. (FOUCAULT, 2001, p. 411).

Foucault pensa o espaço como um modo de relação de posições, sendo que o que pretende compreender são os espaços que mantêm certa relação com os outros espaços. Para o autor, toda sociedade produz heterotopias. Ainda, chama estes outros lugares com a denominação de heterotopia de desvio, ou seja, aqueles comportamentos desviantes em relação ao que se aceita como normal, comportamentos que estão fora do que a sociedade aceita e impõe as condutas, como a loucura, o desvio sexual, a delinquência, etc. São nestes espaços que para



Foucault estão contidos os conflitos e tensões que se exercem pelas relações de poder de uma sociedade determinada.

Na obra *As Palavras e as Coisas* (1966), Foucault mostra como a heterotopia perturba a linguagem. O autor inicia apresentando um texto de Borges, o qual apresenta uma descrição de como uma enciclopédia chinesa faz classificação dos animais. A monstruosidade, o embaraço que nos causa o texto de Borges é por apresentar uma modalidade de pensamento que para nós não “[...] é possível nomear, falar, pensar” (FOUCAULT, 1999, p. XV). O fato de tal descrição parecer tão impensável é devido ao espaço em que seus elementos se localizam. Segundo Foucault (1999, p. XVII) uma divisão de animais como os “que de longe parecem moscas”, revela o limite do nosso pensamento, a impossibilidade de pensar tal classificação e, enfim, coloca em cheque “nossa prática milenar do Mesmo e do Outro”. Tal questionamento leva o autor a propor uma investigação arqueológica sobre as condições a partir das quais um pensamento pode surgir, se organizar e transformar. Portanto, o texto de Borges constitui uma heterotopia, pelo modo como questiona o espaço constituído de nossa linguagem.

Para Veiga-Neto “[...] o lugar que cada corpo ocupa no espaço faz sentido não por si mesmo, mas em função das suas relações com os lugares vizinhos” (2007, p. 256). E ainda, sobre o sentido desta relação:

As heterotopias são lugares que parecem manter uma relação de neutralização, suspensão ou inversão com os demais lugares de nossos cotidianos. Elas nos inquietam, pois aparecem como que deslocadas e desencaixadas em relação aos demais lugares que habitamos. (VEIGA-NETO, 2007, p. 257).

A heterotopia desestabiliza os espaços ordenados, além de questionar nosso entendimento e representação do mundo, também provoca uma mudança de pensamento e abre espaço para novas expressões. A heterotopia aparece como espaços outros que deslocam, neutralizam e invertem a maneira como nos relacionamos com os lugares onde habitamos.

É devido a esta experiência que nos constitui, que Foucault declara (1995, p. 232) que o tema principal de seus estudos é o sujeito e não o poder, sendo que na última fase afirma que seu trabalho atual visa entender “[...] o modo pelo qual um ser humano torna-se um sujeito” (idem). Portanto, sua investigação trata principalmente da constituição da subjetividade. Daí que seu



interesse em problematizar o discurso é o de entender a forma como nos constituímos enquanto sujeitos do nosso saber e como indivíduos que exercem e sofrem relações de poder. Daí que sua preocupação, a partir dos anos 80, gira em torno da “estética de si”, ou seja, os mecanismos que os indivíduos utilizam na construção de si mesmos, tema da subjetividade.

A subjetividade, para Foucault, se refere às práticas por meio das quais o indivíduo constrói uma verdade sobre si. Em suas palavras, define subjetividade como: “a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo num jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo” (Foucault apud REVEL, 2005, p. 85). Abordar o tema da subjetividade na perspectiva foucaultiana significa tratar dos modos de subjetivação, ou seja, os modos – as práticas, as técnicas, os exercícios – colocados em ação em um determinado espaço institucionalizado, no qual o sujeito se constrói nas relações de saber-poder e na produção de verdade. O saber funciona como um espaço onde se exerce poder.

No texto *Subjetividade e Verdade* (1980/81), Foucault descreve o que pretende com o estudo deste tema:

O fio condutor que parece ser o mais útil, nesse caso, é constituído por aquilo que poderia ser chamar de “técnicas de si”, isto é, os procedimentos, que, sem dúvida, existem em toda civilização, pressupostos ou prescritos aos indivíduos para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de determinados fins, e isso graças a relações de domínio de si sobre si ou de conhecimento de si por si. (FOUCAULT, 1997, p. 109).

Para Foucault, em cada momento histórico, existem práticas de si que visam a construção de identidades para atender a determinados fins, segundo as relações de saber-poder vigentes. Deste modo, devemos pensar a construção da autonomia do sujeito como atitude de resistência, contribuindo para a construção de espaços mais democráticos. Portanto, trata-se de construir espaços heterotópicos.

### **O Rizoma e a Criação de Conceitos: uma leitura estético-político da existência**

Gilles Deleuze e Félix Guattari na obra *Mil Platôs* rompem com a tradição filosófica da busca pelo que é transcendental no ser, para se situar nas virtualidades que caracterizam a



imanência. Não a procura por uma essência escondida e unitária, mas explicar a multiplicidade caótica do real a partir do próprio devir-acontecimento. Assim, descrevem seu projeto:

Os princípios característicos das multipheidades concernem a seus elementos, que são *singularidades*; a suas relações, que são *devires*; a seus acontecimentos, que são *hecceidades* (quer dizer, individualizações sem sujeito); a seus espaços-tempos, que são espaços e tempos *livres*; a seu modelo de realização, que é o *rizoma* (por oposição ao modelo da árvore); a seu plano de composição, que constitui *platôs* (zonas de intensidade contínua); aos vetores que as atravessam, e que constituem *territórios* e graus de *desterritorialização* (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.9).

O objetivo dos autores é pensar a realidade (multipheidades) com uma multiplicidade sem recorrer a uma unidade (conceito de Uno da tradição filosófica) e a um sujeito (constituente de significado), para se referir as individualidades produzidas pelo devir-acontecimento: transformações incorporais. Como uma “individualização sem sujeito”. Como afirmam (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.9): “a suas relações, que são *devires*; a seus acontecimentos, que são *hecceidades* (quer dizer, individualizações sem sujeito)”. Trata-se não da busca de unidades, mas de individualidades.

Para Deleuze e Guattari (1997, p. 30) na multiplicidade “[...] o *plano de consistência* as recorta todas, opera sua intersecção para fazer coexistir outras tantas multiplicidades planas com dimensões quaisquer. O plano de consistência é a intersecção de todas as formas concretas”. E é um plano que não tem nada de consistência (no sentido de solidez), pois ele não para de crescer, produzir territórios e desterritorializações. Não para de acontecer, de dobrar-se. A realidade é caótica, mas o plano corta o caos dando-lhe consistência e produzindo sentido.

“O plano de consistência é o corpo sem órgãos” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p, 52). Com isso, os autores resgatam a concepção estoica do corpo, não como organismo, mas como fluxo de afetos. CsO como produção de intensidades. E assim, o conceito de corpo sem órgãos, proposto no Anti-Édito, permite pensar o desejo como produtor do campo de imanência e seus agenciamentos.

Deste modo, o agenciamento significa um conjunto de relações que se territorializam e desterritorializam, que por um lado, pode ser de corpos (ações e paixões, corpos agindo sobre corpos) e, de outro lado, sobre os enunciados (transformações incorpóreas atribuídas sobre os





corpos). O enunciado é produto do agenciamento, que põe em jogo em nós e o fora de nós, os devires, os acontecimentos, a multiplicidade, os afetos. Todo agenciamento pode ser medido pelos territórios que formam e pelas desterritorialização que engendram. O agenciamento permite romper com a tradicional relação mundo-representação-sujeito, para tratar os mecanismos de expressão e conteúdo como um jogo imerso em uma multiplicidade de linhas, que se interligam por movimentos de territorialização e desterritorialização.

Outro conceito importante é o de rizoma. E o definem como: “[...] o rizoma é feito somente de linhas: linhas de segmentaridade, de estratificação, como dimensões, mas também linha de fuga ou de desterritorialização [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 33). Com rizoma, os autores se referem ao modo do pensamento expressar a multiplicidade, os devires, os acontecimentos. Rizoma como um sistema aberto, sem início, nem fim, em permanente criação de relações e intensidades. Para Deleuze e Guattari (1995, p. 14): “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem”. O rizoma não é literalmente a raiz, mas algo que acontece nela. Refere-se ao “nó” (ligações), as relações que em uma raiz permitem surgir outros “nós”.

O rizoma é o modo de realização do pensamento como uma inter-relação de conceitos. O conceito é múltiplo na sua composição e nas relações que estabelece com outros componentes e conceitos. Assim como as raízes de um bulbo, o pensamento se expande em linhas e “nó” ilimitados. Como o rizoma, os conceitos têm pontos de rupturas, desterritorializações, intensidades (platôs).

Já na obra: *O que é a Filosofia?*, Deleuze e Guattari afirmam que o conceito não deve ser descoberto ou contemplado, mas, pelo contrário, criado. Em suas palavras: “[...] o conceito não é dado, é criado, está por criar [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 20). Não abarca algo imutável e universal que, uma vez descoberto, constitui um conhecimento seguro e sólido da realidade. Antes, o conceito manifesta um acontecimento do real segundo essa ou aquela perspectiva. É determinado pelas circunstâncias particulares em que foi produzido.

Os conceitos são produzidos a partir de uma experiência singular, em um contexto específico de sentido. Na sua produção, deve-se entender “as condições da sua criação como fatores de momentos que permanecem singulares” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 21). Esse



horizonte de produção é denominado pelos autores como *plano de imanência*. O plano de imanência é o solo da produção conceitual. Os conceitos só são possíveis no plano, sendo este povoado por conceitos que se ligam entre si e a outros planos. Deste modo, a atividade filosófica como criação de conceitos se realiza sempre a partir de um plano de imanência já existente. E sua criação conceitual é responsável por uma transformação no plano, pois opera uma nova ligação, um outro sentido, capaz até mesmo de transformar este plano. “O conceito não é objeto, mas território” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 131).

Portanto, o empreendimento dos autores pode ser situado no próprio conceito de ritornelo criado pelos autores. O ritornelo remete a atitude criativa (estética). Os autores afirmam: “ritornelo: ele é territorial, é um agenciamento territorial” (1997, p. 102). Produzir devires, agenciar ritornelos, remete a produção artística (estética), não é produto apenas da razão, mas envolve também intensidades/desejos.

Criar não é passividade em relação ao mundo, mas constitui uma intervenção, um projeto político. Os conceitos são ferramentas que possibilitam ao filósofo criar um mundo através de ressignificações. Criar conceito significa agir sobre um plano de imanência, abrindo espaço para um acontecimento novo, uma desterritorialização. Pensar por conceitos é estabelecer novas relações e conexões, produzir diferenças. Segundo Deleuze e Guattari (1992, p. 143): “[...] criar é resistir: puros devires, puros acontecimentos sobre um plano de imanência”. Ainda, segundo os autores: “*Falta-nos resistência ao presente*. A criação de conceitos faz apelo por si mesma a uma forma futura, invoca uma nova terra e um povo que não existe ainda. A europeização não constitui um devir, constitui somente a história do capitalismo que impede o devir dos povos sujeitados”. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 140).

### **Pierre Lévy e o conceito de Cibercultura**

A Cibercultura, título de uma das obras de Pierre Lévy, refere-se a uma dimensão da realidade onde as redes de informação e comunicação tecnológica são ou fazem a própria cultura, determinam relacionamentos, transações comerciais, mantêm os equipamentos industriais, relações de trabalho, etc. Para o autor, as transformações tecnológicas, principalmente a rede



mundial de computadores tem provocado uma transformação na cultura, em suas palavras: “[...] a cibercultura expressa uma mutação fundamental da própria essência da cultura”. (LÉVY, 1999, p. 247).

Lévy na obra *O que é o Virtual?*, (re)define virtual resgatando o conceito de Gilles Deleuze. Em Lévy, o virtual é entendido como força, como potência em busca de atualização. Assim, virtual não se opõe ao real, porque existe, está em ação, mas, sim, ao atual. Em suas palavras: “[...] o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização”. (LÉVY, 1996, p. 16). Outro conceito importante na obra é o de virtualização. Virtualização é utilizado pelo autor para explicar o processo de criação da realidade. A virtualização deve ser entendida como um processo de mutação de identidades, ou seja, como uma dinâmica que se constitui como criação e redefinição da atualidade. Assim, o virtual deve ser compreendido como forças vigentes que buscam atualização e, a virtualização, como problematização do atual como esforço inventivo.

Neste livro, Lévy apresenta (1996, p. 12) três desafios que se propõe tratar: primeiro, esclarecer o conceito de virtualização (desafio filosófico); segundo, pensar o processo de hominização e a virtualização (desafio antropológico) e, a isto, pode-se relacionar a formação de subjetividades e, terceiro, instigar a ação, através da compreensão das mutações contemporâneas (desafio sócio-político). A preocupação em pensar a constituição de subjetividades é um tema recorrente em Lévy, como afirma em outra passagem: “a informática não intervém apenas na ecologia cognitiva, mas também nos processos de subjetivação individuais e coletivos”. (LÉVY, 1993, p. 56).

Outro conceito importante em Lévy para pensar a Cibercultura, diz respeito a ideia de hipertexto. O conceito de hipertexto permite pensar a formação do indivíduo como um movimento de posicionamentos. Lévy define hipertexto como: “[...] constituído por nós (os elementos de informação, parágrafos, páginas, imagens, seqüências musicais etc.) e links entre esses nós, referências, notas, ponteiros, “botões” indicando a passagem de um nó a outro”. (LÉVY, 1999, p. 56).



Segundo Lévy (1993, p. 23s) a rede de conceitos, imagens, sons, modelos, etc., gerados a partir da interpretação de um estímulo como o termo “maça”, contribui para a construção do sentido produzido em um contexto específico. Sentido este, pode assumir características diferentes, caso o estímulo seja outro, como, por exemplo, com os termos “maça de Newton” ou “maça da discórdia”, cada termo gera sentidos próprios. Constroem-se “nós”, cujo sentido depende da construção de relações específicas na formação de redes em um contexto determinado.

Lévy relaciona o conceito de hipertexto com a educação. Assim, afirma: “O hipertexto ou a multimídia interativa adéquam-se particularmente aos usos educativos. [...] Quanto mais ativamente uma pessoa participar da aquisição de um conhecimento, mais ela irá integrar e reter aquilo que aprender”. (LÉVY, 1993, p. 40). Relacionar o conceito de hipertexto a educação permite investigar como esta mediação contribui no processo de aprendizado, permitindo a internalização do conhecimento em novas formas de ler, pensar e agir.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O olhar de Foucault é para um sujeito constituído historicamente, que se constitui a si mesmo em contraste aos poderes constituintes. A questão que se coloca é: a concepção de cibercultura proposto por Lévy é capaz de formar um indivíduo emancipado? O ciberespaço constitui um instrumento capaz de formar indivíduos críticos e agentes da transformação social?

Questão essencial que liga os autores é: em meio aos discursos veiculados nas redes virtuais, como construir um sujeito emancipado (autônomo) em oposição as subjetividades que nos constituem. É preciso compreender a rede virtual como heterotopia e promover nestes espaços, formas de contestação, criação como resistência. Essa, também é idéia defendida por Anselmo Peres Alós:

Os *softwares* de comunicação em tempo real, desta forma, configuram-se também como *heterotopias virtuais*, e a conversação em tempo real passa de simples espaço de *comunicação* a espaço subversivo de contestação e de



negociação por novas possibilidades de subjetivação. (ALÓS, 2010, p. 74).

Diante do isolamento e fragmentação do indivíduo no espaço geográfico moderno, promovido por uma governamentalidade de segurança, o desenvolvimento da rede virtual possibilita a interação e estreitamento dos laços sociais, promovendo espaços de contestação através da proliferação de discursos heterotópicos. Antes a rua era o espaço das massas, agora o ciberespaço torna-se o lugar de construção dos fluxos sociais.

A comunicação através de redes virtuais possibilita a construção de si como espaço outro, em oposição aos espaços homogeneizantes de nossa cultura. Nessa experiência não existe caminho pronto, cada um traça o seu percurso através dos nós que se estabelecem por meio dos hipertextos. Cada caminho constitui um espaço aberto, múltiplo e, também, uma heterotopia, pois, cada rede formada pelo sujeito possibilita traçar espaços singulares, que permitem o posicionamento como espaços outros, da diferença, em oposição aos espaços do mesmo. É preciso pensar a criação como resistência, como exercício da diferença, que promove a transformação do presente, dos territórios estabelecidos. A criação como uma relação de força, produz cortes, rizomas, onde criar constitui uma ação ente outras ações.

Segundo Foucault (2012, p. 170s), no texto “As malhas do poder” - 1976, com Kant inicia-se uma relação muito próxima entre sujeito-lei-razão-poder. A lei moral baseada na oposição “tu deves/tu não deves” é matriz da regulação da conduta humana na modernidade. Em contraposição a esta sociedade, Michel Serres (2000) no texto “Novas Tecnologias e Sociedade Pedagógica” aborda a ideia de que os espaços de não-direito são os espaços que permitem transformações, sendo que as novas tecnologias tem propiciado a criação destes espaços.

Nisso o discurso assume uma dimensão política, isto porque na sua relação com o poder, ele não somente o manifesta ou é seu instrumento, mas, também, revela-se o “lugar” onde é possível fazer resistência. Nesse sentido, Foucault afirma:

É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, *ponto de resistência* e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz o poder; reforça-o, mas também o



mina, expõe, debilita e permite barrá-lo. (FOUCAULT, 1988, p. 96, grifo nosso).

A invenção de si como busca por criar espaços de resistência singulares, sendo que tal prática não pode ser pensada fora das relações de saber-poder. O resultado disso tudo deve ser a proliferação de discursos heterogêneos, mas com isso, não se quer dizer que o discurso perca sua unidade, porque o que está em jogo é a criação de espaços de resistência heterotópicos em oposição aos discursos universalistas.

Pensar a reconstrução da subjetividade através da Cibercultura é pensar a promoção de espaços em que o indivíduo busca a afirmação de si e do outro, como espaços de alteridade. “Pode-se pensar, ainda, a cristalização das heterotopias como *espaços de alteridade*, nos quais os imperativos do mesmo são subvertidos em nome da ética do outro. A *heterotopia* pode ser entendida, ao menos inicialmente, como uma ‘utopia realizada’”. (ALÓS, 2010, p. 69). Toda experiência na rede virtual, mas principalmente através dos dispositivos móveis de comunicação, permite a circulação rápida das leituras e escritas do mundo, onde os indivíduos criam e recriam, fazendo de tal prática uma verdadeira “Estética de si”. E por isso, Lévy afirma que sua obra *O que é o virtual?*: “[...] conclama a uma arte da virtualização, a uma nova sensibilidade estética que, nestes tempos de grande desterritorialização, faria de uma hospitalidade ampliada sua virtude cardinal”. (LÉVY, 1996, p. 14).

Heterotopia, virtualização e subjetividade constituem o tripé que permite pensar uma sociedade mais democrática. O discurso, veiculado na rede virtual, deve promover a virtualização, ou seja, através da problematização das relações saber-poder existente impulsionar as forças inventivas, contribuindo, desta maneira, para a constituição de uma subjetividade como promotora de espaços heterotópicos.

## REFERÊNCIAS

ALÓS, Anselmo Peres. **Heterotopias hipertextuais**: escrevendo mundos digitais em *La ansiedad e Keres cojer? = guan tu fak*. Revista IPOTESI. Juiz de Fora, v. 14, n.1, jan/jul. 2010, p. 69-80.



ARANHA, Maria L. de Arruda. **História da Educação**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 1996.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. 7ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. 8 ed. v 1. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

MOLIN, Beatriz Helena Dal. **Do tear a tela: uma tessitura de linguagens e sentidos para o processo de aprendizagem**. Tese de doutorado. Florianópolis: UFSC/CTE, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia** Tradução Ana L. de Oliveira e Lúcia C. Leão. V.2. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia** Tradução Suely Rolnik. V.4. Rio de Janeiro: Ed. 54, 1997.

\_\_\_\_\_. **O que é a filosofia?** Tradução Bento Prado Jr. e Alberto A. Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DUARTE, Newton. **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?** Quatro ensaios críticos-dialéticos em filosofia da educação. Campinas/SP: Autores Associados, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7 ed. Tradução Luiz F.B. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005a.

\_\_\_\_\_. **As Palavras e as Coisas**. 8 ed. Tradução Salma T. Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Manoel B. da Motta (Org.) e Tradução Inês Autran D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 16 ed. Tradução Maria T. C. Alburquerque e J. A. Guilhon Alburquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. O Sujeito e o Poder IN RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica** Tradução Vera P. Carreto. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento das prisões**. 30ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005b.

\_\_\_\_\_. **Segurança, Penalidade e Prisão**. Manoel B. da Motta (Org.) e Tradução Inês Autran D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.



\_\_\_\_\_. Subjetividade e Verdade. In – **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.

IFPR - INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ. **Projeto Político Pedagógico**: câmpus Assis Chateaubriand. 2012.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Trad. Carlos I. da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura**. Trad. Carlos I. da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

\_\_\_\_\_. **O que é o Virtual?** Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.

RAMAL, Andrea Cecília. **Avaliar na cibercultura**. Porto Alegre: Revista Pátio, Ed. Artmed, fev. 2000.

REVEL. Judith. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. São Carlos: Claraluz, 2005.

SERRES, Michel. **Novas Tecnologias e Sociedade Pedagógica**. Interface (Botucatu), Fev/2000, v.4, n. 6, p. 129-142.

VEIGA-NETO, Alfredo. **As duas faces da moeda**: heterotopias e emplazamientos curriculares. Educação em Revista. Belo Horizonte, v 45, jun. 2007, p. 249-264.